
Caminhos da Boiada: Mapeamento Cultural do Bumba meu boi na Ilha de São Luís – um relato de pesquisa¹

Leticia Conceição Martins CARDOSO²

Laís Valéria Lima COSTA³

Juliana Andrade Ribeiro LEITÃO⁴

Hannah Letícia EWERTON⁵

Rosivan Fellipe Brandão dos REIS⁶

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA

Resumo

O projeto "Caminhos da Boiada" é uma iniciativa de pesquisa e extensão desenvolvida pelo Grupo de Estudos Culturais no Maranhão (GECULT-MA), vinculado à Universidade Federal do Maranhão. O objetivo principal é mapear os grupos de Bumba meu boi da Ilha de São Luís, no Maranhão, que compõem uma expressão cultural étnica e tradicional, associada às classes trabalhadoras e à população negra e indígena do Maranhão. A pesquisa, que conta com uma abordagem metodológica que utiliza o conceito de mediações, faz uso também de tecnologias digitais para mapear e documentar os territórios onde ocorre a manifestação cultural, com abordagem que visa expandir o conhecimento sobre essa prática em diversas dimensões, incluindo midiática, econômica, turística e patrimonial.

Palavras-chave

Bumba meu boi; Mapeamento; Cultura Popular.

TEXTO DO TRABALHO

O Caminhos da Boiada é um projeto de pesquisa e extensão desenvolvido pelo Grupo de Estudos Culturais no Maranhão / GECULT-MA, ligado ao Departamento de Comunicação, da Universidade Federal do Maranhão, com parceria do Projeto Nordeste Economia Criativa do SEBRAE-MA. O objetivo é mapear os grupos de bumba meu boi

¹ Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutora em Comunicação pela PUCRS e professora de Comunicação da UFMA, email: leticia.cardoso@ufma.br

³ Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela UFMA, email: lvcosta24@gmail.com

⁴ Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela UFMA, email: ribrjuliana@gmail.com

⁵ Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela UFMA, email: hannahleticia10@gmail.com

⁶ Graduando em Comunicação Social - Jornalismo, pela UFMA, email: ofellipereis@gmail.com

da Ilha de São Luís, no estado do Maranhão, e contribuir para o fortalecimento da cadeia produtiva deste patrimônio imaterial brasileiro.

O mapeamento cultural por meio das tecnologias digitais é também uma oportunidade de expansão dos saberes e práticas tradicionais do bumba meu boi em dimensões midiática, econômica, turística e patrimonial.

O bumba meu boi é uma forma cultural étnica, de resistência e de saberes tradicionais, presente em diversas regiões do Maranhão, vinculada às classes trabalhadoras e à população negro-indígena. Aqui é entendido como um processo de comunicação, formado pelas instâncias da produção, da circulação e do consumo, estabelecendo relações e estratégias em sua cadeia produtiva ou seu circuito cultural o ano inteiro (CARDOSO, 2016). A festa tradicional do boi reúne expressões culturais como a dança, a poesia, a dramaticidade, o artesanato, a religiosidade popular, configurando-se um complexo cultural que extrapola o aspecto lúdico da brincadeira para fazer sentido como uma grande celebração e também uma forma de geração de renda para as comunidades de origem.

Até metade do século XX, as manifestações de bumba meu boi eram perseguidas na capital São Luís, por conta de uma cultura escravista e preconceituosa dos poderosos, que proibiam as festividades de povos negros. Ao ganhar força, a partir da década de 1960, o bumba meu boi conquistou novos caminhos, apropriando-se dos bairros centrais.

O Caminhos da Boiada vem georreferenciar territórios criativos e tradicionais onde a manifestação cultural é realizada, por meio de três produtos comunicacionais: um mapa impresso, um site e um aplicativo para celulares, a fim de fomentar o registro, a difusão e a valorização dessa prática cultural que representa o principal traço de identidade e pertencimento para diversas comunidades no Maranhão, num cenário político de convergência cultural da comunicação, de disputas por direitos culturais e de globalização.

A pesquisa, ainda em desenvolvimento, já cartografou, até agora, 100 terreiros de bumba meu boi situados na Ilha de São Luís, incluindo os municípios de Raposa, São José de Ribamar e Paço do Lumiar. Numa primeira versão, publicada em dezembro de 2022, geramos um mapa impresso com um *QRcode*, que encaminha o usuário aos

links para as sedes dos grupos, pelo celular (até então eram 76 grupos mapeados). Teremos uma versão, em site e em aplicativo para celular, que oferecerão um mapa ainda mais interativo, com recursos de imagens e vídeos, além de informações sobre a localização e contatos dos grupos de bumba meu boi, que servirão de banco de dados e também de portfólio para os grupos, para pesquisadores, turistas, gestores públicos e a população em geral. O projeto tem uma perspectiva multidisciplinar, agregando 11 pesquisadores das áreas da comunicação, do turismo, do design e da informática, ligados à UFMA.

Adotamos o protocolo teórico-metodológico das mediações (MARTÍN BARBERO, 2008; CARDOSO, 2016) para estudar o processo de produção-circulação-consumo do bumba meu boi. Essa abordagem desloca o olhar dos meios de comunicação de massa para pensar a comunicação a partir da cultura, das mediações, ou seja, um espaço estratégico de produção de sentidos e estabelecimento de relações entre os sujeitos. Empréstado da geografia, também acionamos a técnica da cartografia cultural, que, segundo Tomazzoni (2007, p. 150), “[...] é sempre um exercício de reconhecimento [...], de tradução, o que exige um olhar atento e sensível para operar entre o território à nossa frente, o que conseguimos desse território perceber e como representá-lo (WESTPHALEN et al. 2016, p.08). É preciso reforçar que, em nosso trabalho, o mapeamento cultural vem sendo desenvolvido junto com as comunidades de bumba meu boi, vistas como colaboradoras da pesquisa. A metodologia aplicada foi desenvolvida como parte de um processo de diagnóstico cultural e social que pode dar origem a fortes instrumentos políticos, gerar boas práticas e políticas adequadas para as comunidades envolvidas.

Do ponto de vista pedagógico, professores e estudantes extensionistas, vêm aprendendo juntos com o campo de pesquisa e construindo uma metodologia, baseada na abordagem da pesquisa em colaboração (MARQUES & GENRO, 2016, p. 323) que visa priorizar a interação e a produção da pesquisa com os sujeitos, neste caso, os brincantes de bumba meu boi.

Trilhar por esse caminho é perceber a participação no projeto Caminhos da Boiada como uma oportunidade real de imersão na cultura popular do estado do Maranhão, com um recorte específico para os grupos de bumba meu boi. Desenvolver a

pesquisa leva-nos a adquirir novas percepções sobre as práticas culturais locais e a reorganizar conceitos, a partir de uma visão flexível, que se molda às múltiplas realidades que podem ser encontradas nos grupos de bumba meu boi. Trata-se de uma atividade que nos redescobre cultural e existencialmente, à proporção em que percebemos que os elementos que constituem o bumba meu boi, também nos constituem, enquanto sujeitos participantes dessa realidade social.

A realidade social, muito apoiada nas práticas cotidianas, coloca-nos, nas visitas aos grupos de bumba meu boi e no diálogo com suas vivências, em uma experimentação contínua de contato com as representações personificadas destas práticas. Tais representações são, muitas vezes, participantes de toda uma família que, para levar adiante a herança cultural do bumba meu boi, ressignificam suas relações e buscam um novo sentido, na manifestação, para suas existências.

É nessa movimentação, que implica na ressignificação de possibilidades e sentidos, onde reside a conexão com o que nos redescobre enquanto sujeitos culturais. Chamamos de conexão, pois se trata de um fluxo diverso de considerações, que abarca muitas outras camadas que estão, por exemplo, no campo da religiosidade, das questões de classe e elementos típicos dessa discussão, por exemplo.

A explicação que se torna possível para esse movimento é a de que, ao entrar em contato com esse universo, possibilitado e vivido, da forma mais genuína, pelos participantes dos grupos de bumba meu boi, nós passamos a perceber, em nossas subjetividades, semelhanças e dissidências que perpassam por esses elementos e que são evidenciadas nos toques, nas conversas, nas trocas e nos saberes compartilhados pelas mestras e pelos mestres.

As visitas aos grupos de bumba-meu-boi despertam o olhar para além das apresentações nas tradicionais festas juninas. A brincadeira é vivida por sua comunidade durante o ano todo, desde a preparação para os rituais que marcam o início das festividades, como o batizado, até a morte, quando é encerrada oficialmente a temporada.

A manifestação, hoje, faz parte das atrações turísticas do Maranhão, embora nem sempre tenha sido assim. O processo de torná-lo um símbolo da identidade do Maranhão teve início por volta de 1960, durante o governo Sarney. No entanto, só foi impulsionado entre os anos 1990 e 2000, no governo Roseana Sarney. Antes disso, o

Bumba-boi era uma prática reprimida e marginalizada, oriunda de periferias e áreas rurais. Assim, podemos perceber que o caminho percorrido até chegar aos grandes arraiais e festas juninas da elite foi longo. No entanto, a prática vai muito além das apresentações artísticas.

Atualmente, os grupos de Bumba-boi continuam desempenhando o papel de resistência dentro do contexto em que estão inseridos, assim como no início. Dessa forma, podemos observar que as vivências em meio ao Bumba-meu-boi exercem influência também no jeito de pensar, expressar e pensar de toda a comunidade que vive e compartilha a coletividade daquela brincadeira. As toadas são um exemplo das mensagens deixadas por cada grupo, que estão relacionadas ao contexto e à realidade daqueles que as cantam. No entanto, isso não se restringe somente às apresentações ou as manifestações artísticas.

A troca de conhecimentos, experiências e saberes é feita principalmente através da oralidade exercida em meio aos processos de organização relacionados à brincadeira, mas que no âmbito temático não se restringem somente a isso. Hoje, o Boi representa a resistência dos sujeitos em diferentes contextos, que passam, por exemplo, desde as questões de gênero até a raça. As toadas, por exemplo, deixam mensagens que estão diretamente ligadas ao contexto e à realidade dos grupos que as cantam.

A ida a campo pressupõe e demanda um trabalho prévio minucioso. Antes das visitas às sedes iniciarem, foram realizadas reuniões gerais e do grupo responsável pelos registros audiovisuais com objetivo de alinhar questões técnicas, fazer a relação de equipamentos e definir a distribuição de demandas. No entanto, muito do que aconteceu em campo foi espontâneo, pois os acontecimentos que se desenrolam nesta etapa são, muitas vezes, imprevisíveis, e tangem uma seara mais sensível do que técnica. Deste modo, a cada visita, é possível exercitar e sensibilizar o olhar para detalhes que alinhamentos técnicos e prévios não poderiam nos preparar. Trata-se de uma sensibilidade construída e acumulativa.

É interessante observar, também, que este momento é um exercício etnográfico, pois a observação é um dos pilares do registro audiovisual e do aguçamento da sensibilidade. Passamos a prestar mais atenção ao ambiente, a quem está presente no local, de que maneira essas pessoas estão dispostas no espaço, ou mesmo se o representante do boi está sozinho; a quais indumentárias e elementos ganham destaque,

se há cartazes de candidatos políticos nas paredes; se a sede está com manutenções e reformas em dia ou não, etc.

Esteticamente, escolhas técnicas podem ser grandes aliadas às intencionalidades e possíveis interpretações visuais de falas dos co-pesquisadores. Focar ou desfocar um plano, escolher angulações, fotografar ou registrar certos detalhes são decisões que podem ajudar a contar, através da imagem, os relatos conosco compartilhados ou as histórias que ficaram nas entrelinhas. É o uso da técnica como ferramenta de um olhar sensível.

A partir do momento em que todos estes elementos são observados, podemos construir narrativas de forma mais acertada, com um equilíbrio entre o que é dito pelos co-pesquisadores e o que é interpretado por nós, pesquisadores. Isto também é refletido nos momentos de entrevista, a exemplo da atitude de pedir ao representante do boi que indique um local importante para o grupo de Bumba meu boi onde a entrevista possa ser realizada. Observa-se que, geralmente, este local é em frente ao altar, onde estão dispostos os Santos, as imagens, terços e velas; além dos próprios bois. Isso demonstra a importância da religiosidade para estes grupos, o que é retratado em todo o processo fotográfico e audiovisual. Também é comum que os grupos entrevistados preparem este espaço antes da entrevista acontecer, dispondo outros elementos que sejam significativos para eles.

Este registro do modo de vida das comunidades e dos detalhes do trabalho artesanal, musical e comunitário desses grupos tem sido enriquecedor não só para o Caminhos da Boiada, mas para todos nós. Cada comunidade visitada nos revela formas diferentes que os boieiros têm de fazer cultura, brincar e expressar-se. Conhecemos e temos, por exemplo, a oportunidade de fazer registros de sotaques ainda não catalogados, de variações de ritmos e formas de tocar e bailar; diferentes estilos de bordado, formatos de bois; arquitetura e disposição dos elementos nas sedes e barracões dos bois, etc. Tudo isso contribui para um arsenal que é construído em nossa memória semanalmente, e que em breve fará parte da memória do nosso estado.

Para além disso, estamos registrando e eternizando as imagens de mestres e mestras que muitas vezes são invisibilizados no espaço público. São pessoas na maioria das vezes já de idade, que carregam consigo grande conhecimento sobre a vida e sobre a

cultura popular que, hoje, temos o privilégio de registrar. Entendemos que é de suma importância construir uma plataforma que contará com imagens dessas personalidades em um cenário em que é difícil encontrar um simples registro em alta resolução de mestres amplamente conhecidos. As toadas, que são um arsenal de histórias e narrativas destes grupos, também são registrados a cada visita nas vozes de cantadores ou dos representantes dos grupos, que recitam trechos das canções.

É legítimo o entendimento de que, a cada dia de visitas, é construída uma rede de afeto entre pesquisadores e o campo cultural. Afinal, é um privilégio poder ouvir as histórias e os pensamentos destes fazedores de cultura, ou “cultureiros”, termo cunhado por dona Martinha Santos, presidenta do Boi Mimo de São João. Sempre saímos das sedes com ensinamentos e convites para participar de ritos dos bois, conhecendo pessoas daquelas comunidades e sabendo de histórias valiosas, que somadas, dão sentido a algo ainda maior: a teia das nossas tradições. Este é um sentimento que dificilmente seria construído se tivéssemos contato com esses grupos através apenas da imprensa ou de ambientes como arraiais e festejos, pois adentramos naquelas comunidades na naturalidade do dia a dia e da rotina. Por isso, na construção dos produtos do projeto, temos todo o cuidado de tentar transmitir estas mesmas sensações para que mais pessoas e usuários tenham pelo menos parte dessa conexão.

Cria-se, portanto, uma relação de confiança entre nós, pesquisadores, e os co-pesquisadores. Afinal, os representantes e brincantes apreciam dizer o que pensam e gostam de saber que existe toda uma rede preocupada em registrar suas opiniões, vivências e histórias. É significativo perceber o crédito que eles atribuem à academia, por entenderem que o campo científico representa uma das formas de garantir a continuidade de sua cultura. Destacamos, a exemplo disso, as valiosas visitas a grupos de Bumba meu boi que estão localizados na região da Universidade Federal do Maranhão, campus Bacanga, nos bairros do Itaqui-Bacanga. Trata-se de comunidades que não só vêm a fachada da instituição, mas que têm de fato contato com os pilares dela – neste caso, pela pesquisa e extensão. É importante ressaltar que a maior parte dos grupos presentes nessa região são dos sotaques de Matraca, Baixada e Zabumba, que são aqueles que menos são vislumbrados pelo poder público, pela mídia e demais instituições. Fazemos questão de reforçar essa dimensão nas visitas e de reafirmar que voltaremos com o resultado da pesquisa, consolidando essa relação de confiabilidade

mútua entre pesquisadores e co-pesquisadores – afinal, ao longo do ano, teremos ainda momentos de apresentação do mapa impresso, online, de oficinas e workshops com estes fazedores de cultura, com intuito de impulsionar e fortalecer ainda mais suas práticas culturais através de ferramentas definidas na pesquisa.

Dito isso, a metodologia escolhida no projeto Caminhos da Boiada é a da pesquisa em colaboração, tendo em vista uma abordagem descolonizadora, que fosse construída de forma conjunta com os indivíduos entrevistados, compreendendo que os seus saberes e experiências são parte essencial do trabalho proposto. Destarte, Pâmela Marques e Maria Genro (2016) fazem uma observação sobre a pesquisa em co-labor:

“Impõe-se, para a realização de uma pesquisa sob o paradigma do cuidado, uma escuta aberta à surpresa, capaz de ouvir o novo sem reduzi-lo imediatamente ao já conhecido, de ouvir – e lidar com - o que não responde necessariamente às questões de pesquisa, o que desestabiliza as hipóteses com que vamos a campo, o que coloca arestas em um trabalho científico que se pretende redondo. Trata-se de uma postura ativa e generosa, de respeito e humildade, em que se houve o outro que fala sem pressa, sem cortes, sem conversão imediata em texto ou conclusões, que implica maturação da palavra ouvida até que, junto dos demais sujeitos de pesquisa, decida-se o que fazer com ela. Há, aí, um tempo que se expande como uma coluna de ar, permitindo o respiro, a distensão, a dilatação do processo mediante o qual se apreende ou desvenda uma dada narrativa. Tempo para que ela repercuta e produza efeitos sobre o pesquisador.” (Marques e Genro, 2016, p. 331)

Portanto, partindo desse pressuposto, durante a pesquisa optou-se por uma abordagem humanizada, focada em vivenciar o ambiente e a realidade das pessoas ouvidas, respeitando o tempo de fala do outro, a rotina, as pausas, as interferências externas e as necessidades do entrevistado, o que possibilita uma experiência mais próxima com os grupos visitados, que por sua vez, externam a necessidade de serem ouvidos, pois, segundo a maioria dos representantes desses grupos, eles se sentem silenciados e esquecidos.

Assim, a partir dessas escutas, foram registradas as histórias de cada grupo, desde seu surgimento até o momento atual, suas peculiaridades, tradições, suas indumentárias, musicalidade, forma de gerencia, suas necessidades, a dinâmica do funcionamento de um boi, o tempo necessário para a preparação que cada um deles

precisa, os processos, as pessoas envolvidas, os custos, bem como, aprofundar o olhar sobre a diversidade da manifestação cultural que é o bumba meu boi.

Por meio desse trabalho, foi possível ter acesso a informações que permeiam a história cultural do Maranhão, como por exemplo, as vivências que os mestres e brincantes falecidos tinham uns com os outros, as mudanças que ocorreram com o passar dos anos no bumba meu boi, as rivalidades e amizades formadas, a origem e morte de alguns grupos, e ainda, como o bumba meu boi é parte da construção cultural e social da sociedade maranhense e por isso, considerado patrimônio imaterial para a identidade e pertencimento dos maranhenses.

O projeto faz uso das tecnologias digitais como ferramentas de mapeamento cultural, o que possibilita novas formas de registro, difusão e valorização da prática cultural do Bumba meu boi. Desta forma, pode-se encontrar informações sobre os grupos no mapa virtual e nas redes sociais do Caminhos da Boiada, que são constantemente atualizados.

Nas redes sociais é mostrado o dia-a-dia da pesquisa, os avanços e os processos realizados, além de ser uma forma de aproximar as pessoas que tem interesse em conhecer ou entrar em contato com os grupos visitados, dando mais visibilidade para eles. O mapa virtual mostra o local em que se localizam as sedes dos grupos e algumas informações como nome, representante e sotaque.

Durante as visitas são utilizadas duas câmeras, uma câmera principal, que é responsável pela captação da entrevista inteira, e a segunda câmera registra takes do entrevistado, detalhes da sede, das pessoas no local, das indumentárias e objetos em geral que pertencem ao grupo, mas também fica responsável pelas fotografias. O áudio é captado por um gravador e um microfone conectado à câmera principal. Ainda, os celulares são utilizados para registrar vídeos e fotografias diretamente para as redes sociais.

A entrevista é pensada juntamente com os entrevistados, caso eles não tenham um lugar específico que gostariam de serem registrados, é perguntado onde se sentem mais confortáveis e só então é iniciado o processo de montagem de um rápido cenário, contendo os materiais da própria sede, pensando na luz e na qualidade de áudio e vídeo.

Desta maneira, as ferramentas do mundo digital nos ajudam a obter uma experiência mais completa e de qualidade com os grupos de bumba meu boi, possibilitando que seja deixado desde o primeiro contato uma contrapartida em relação a visibilidade deles e manutenção desses vínculos feitos que se mantêm através dos diálogos que permanecem através dessas redes social e aparelho telefônico.

Ademais, o Caminhos da Boiada tem se revelado uma experiência multidisciplinar e colaborativa, onde cada um contribui com seu conhecimento e expertise, e juntos, buscam trazer visibilidade e reconhecimento para essa manifestação cultural tão relevante para o Maranhão.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Leticia Conceição Martins. **As mediações no Bumba meu boi do Maranhão: uma proposta metodológica de estudo das culturas populares**. 2016. 268 f. Tese. (Doutorado em Comunicação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

MARQUES, Pâmela; GENRO, Maria. **Por uma ética do cuidado: em busca de caminhos descoloniais para a pesquisa social com grupos subalternizados**. Araraquara. V.21, n-41, julho- dezembro, 2016, p.323-339.

Metodologia de mapeamento cultural colaborativo. – Brasília: ACT Brasil, 2008.

WESTPHALEN, Frederico. **Cartografia cultural: mapeamento cultural dos municípios**. 2016. p.217-25. Disponível em: www.ufsm.br/estudos culturais